	relatório final da pesquisa de pós-doutorado de Marcos Fontoura de Oliveira	versão B 24 jan. 2023
Introdução		

para **Rolland Barthes** (1915-1980)

Considerações iniciais

Decidi escrever este documento na primeira pessoa como uma estratégia para motivar a sua leitura. Há muito tempo aprendi que a primeira frase de um livro é a que fissa o leitor e o leva, cativo, até o final. Capturado por “primeiras frases”, leio muito, de tudo um pouco. Resta-me esperar que você se sinta tocado e leia este documento integralmente. Se assim for, se gostar do que leu ou se seus interesses convergirem com os meus, faça contato comigo para conversarmos e seguirmos pesquisando *juntos*. Oxalá isso aconteça. Meu e-mail é marcosfolevantebh@gmail.com.

Este documento é a segunda versão da introdução do relatório final da minha pesquisa de pós-doutorado (pós-doc) na Universidade de Lisboa em 2022-2024, que nomeei *Como viver junto na cidade*.¹ Ele está dividido em seis partes, além destas considerações iniciais (que abrem o relatório) e das referências (ao final).² São elas: 1) Quem sou eu; 2) Fundamentação teórica; 3) A escolha do nome da pesquisa; 4) A escolha de Belo Horizonte e da logomarca Levante-BH; 5) Os produtos da pesquisa; 6) Considerações finais.

Iniciei a pesquisa documental de *Como viver junto na cidade* durante um governo federal (2018-2022) com um presidente da República democraticamente eleito, mas

¹ Trata-se de uma revisão do documento inicial (versão A) finalizado em setembro de 2022 (OLIVEIRA, M.F., 2022b5). Desde já, destaque-se que neste documento ainda não é possível acessar todos os *links* lançados nas notas de rodapé, pois eles serão liberados à medida que a pesquisa for avançando. Uma explicação adicional: como todos os documentos da presente pesquisa estão em elaboração/reelaboração permanente, a primeira versão de cada um será sempre identificada como “A”, substituída por uma versão “B”, depois uma “C” e assim sucessivamente, até que a pesquisa seja integralmente concluída.

² Para tornar a leitura mais fluida, as referências estão lançadas em notas de rodapé em todo o relatório final de *Como viver junto na cidade* conforme sugerido por FRANÇA, J.L. & VASCONCELOS, A.C. (2007, p.134).

Como viver junto na cidade

abertamente contrário a muito do que considero ser necessário para *vivermos juntos* civilizadamente. Este relatório é, portanto, uma peça de resistência.³

A pesquisa foi impulsionada por um confinamento forçado, trabalhando 100% em *home office* de março de 2020 a maio de 2022 como consequência da pandemia de Covid-19.⁴ Além do desfavorável panorama político nacional e da pandemia, durante meu confinamento Belo Horizonte viveu um momento de grande instabilidade na gestão da mobilidade urbana.

Explico. Uma mudança burocrática em 2020, que parecia ser uma mera “dança das cadeiras”⁵, seguida de movimentações políticas entre os poderes Executivo e Legislativo de Belo Horizonte, resultou na criação da Superintendência de Mobilidade do Município de Belo Horizonte (Sumob-BH) com autorização para extinção da Empresa de Transportes e Trânsito de Belo Horizonte S.A (BHTrans).⁶ Tomando de empréstimo palavra usada por José Murilo de Carvalho para dar nome a livro que trata da transição da Monarquia para a República no Brasil, afirmo que os especialistas em mobilidade urbana (especialmente os belo-horizontinos) assistiram bestializados à decisão de extinção da BHTrans em 2020.⁷

Em maio de 2022 a minha pesquisa começou a tomar o formato de uma pesquisa de pós-doc, à qual dei o nome de *Como viver junto na cidade*. Isso se deu após contato formal com a professora Rosário Macário, do Instituto Superior Técnico (IST) da Universidade de Lisboa (Portugal), que aceitou supervisionar a pesquisa. Desde já, registro aqui meus agradecimentos pela pronta acolhida e pelos encontros que passamos a ter.

³ Guardadas as devidas diferenças, minha peça de resistência é como o conjunto de sete obras que Nuno Ramos nomeou *A extinção é para sempre*, que “surge como resposta poética à situação pandêmica e à conjuntura brasileira” (SESC-SP, 2022). Segundo o próprio artista: “Pensei neste conjunto de trabalhos pressionado por esta inédita sensação de ameaça, buscando uma reação. Reação, antes de mais nada, através do próprio exercício da linguagem.” (RAMOS, N., 2022b). Ambos sustentados na linguagem, esses dois produtos apostam na importância de construir um *como viver junto na cidade*.

⁴ A Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou a Covid-19 como pandemia em 11 de março de 2020 (UNA-SUS, 2020). Enquanto escrevo a versão B desta Introdução, permanece o *status* de emergência global.

⁵ Chamada *Musical chairs* em inglês e *Juego de la silla* em castelhano, “dança das cadeiras” é nome dado em português, no Brasil, a uma brincadeira para entretenimento de pessoas. Metaforicamente, é uma expressão usada para nomear situações políticas em que um líder substitui outro, apenas para também ser rapidamente substituído, devido a alguma instabilidade no sistema de governo.

⁶ BH (2021c17).

⁷ “Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi” (CARVALHO, J.M., 1987). Dentre as poucas reações contra a extinção da empresa, destaquem-se as dos empregados da BHTrans (por meio de seus sindicatos), as de alguns poucos vereadores e a da Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP, 2021b) por meio de uma carta pública ao prefeito de Belo Horizonte. Ao que parece, essa carta sequer foi respondida.

Como viver junto na cidade

Em setembro de 2022 falei amplamente da minha pesquisa pela primeira vez em público.⁸ Isto aconteceu durante o *1º Seminário de Acessibilidade de Cataguases*. Dele participei como convidado de uma organização não governamental que tem um significativo nome: *Acessibilidade Já*. Ao longo de alguns dias nessa belíssima cidade da Zona da Mata de Minas Gerais (Brasil), fiz algumas vistorias, tive reuniões presenciais com lideranças, dei uma palestra, ministrei uma aula, publiquei um artigo no jornal local e concedi uma entrevista.⁹

Na palestra do dia 16 de setembro de 2022, durante uma hora apresentei o embrião e os alicerces do meu *Como viver junto na cidade*. Logo após citar “O direito à cidade” de Henri Lefebvre, “A cidade inteligente” de Evgeny Morozov e Francesca Bria e “A cidade dos ricos e a cidade dos pobres” de Bernardo Secchi¹⁰, lancei aos presentes a pergunta: *Cataguases é uma cidade inclusiva?*¹¹ Diante do quase silêncio (já esperado) da plateia, fiz uma nova pergunta: *Cataguases quer ser uma cidade inclusiva?*

A essa segunda pergunta, afirmei que em qualquer cidade muitos responderão “sim” imediatamente. Entretanto, poucas são as cidades que já estão conseguindo passar da retórica à implementação de um conjunto de ações capazes de efetivar o direito a uma cidade inclusiva, ou, como digo em minha pesquisa, o direito a *viver junto*. Afirmei que a condição inicial, *sine qua non*, para isso é combater implacavelmente o ageísmo, a aparofobia, o capacitismo, a LGBTQIA+fobia, a misoginia, o racismo e a xenofobia.¹²

⁸ Minhas falas anteriores em público sobre a pesquisa, ainda de forma simplificada, se deram: em julho/2022 no *Seminário Rodoanel para quem?* realizado na Universidade Federal de Minas Gerais (SEMINÁRIO RODOANEL, 2022; OLIVEIRA, M.F., 2022j2) e em agosto/2022 no *11º Congresso de Geriatria e Gerontologia de Minas Gerais* da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia- Minas Gerais (GERMINAS, 2022; OLIVEIRA, M.F., 2022j2).

⁹ Seminário: SEMINÁRIO DE ACESSIBILIDADE DE CATAGUASES (2022); apontamentos das vistorias: OLIVEIRA, M.F. (2022m1); palestra: OLIVEIRA, M.F. (2022j3), aula: OLIVEIRA, M.F. (2022j4), artigo: OLIVEIRA, M.F. (2022g4); entrevista: OLIVEIRA, M.F. (2022a2). Iniciei a palestra do dia 16 de setembro de 2022 homenageando a cidade ao citar o arquiteto Francisco Bolonha (2004): “Cataguases [...] viveu, na prática, a democracia propalada pela arquitetura moderna, que outras cidades só conheceram no discurso”.

¹⁰ LEFEBVRE, H. (2008a1-2010); MOROZOV, E. & BRIA, F. (2019); SECCHI, B. (2019a).

¹¹ Acesse o verbete [cidade inclusiva](#) da *Biblioteca do Levante-BH* (OLIVEIRA, M.F., 2020c3) para conhecer a minha definição, cunhada especialmente para integrar o Vocabulário de Acessibilidade com Desenho Universal na Cidade.

¹² Substantivos em língua portuguesa para designar a aversão, repúdio, desprezo, antipatia ou discriminação a, respectivamente, pessoas idosas, pessoas pobres, pessoas com deficiência, pessoas LGBTQIA+, mulheres, pessoas não-brancas e pessoas que representam algo menos comum (relativo a cultura, hábito, etnia ou religião). Demarcando nova e firme posição do Governo Federal (2023-2026), o Ministro dos Direitos Humanos do Brasil, Silvío Luiz de Almeida (2023a), disse em sua posse em 03/01/2023: “Trabalhadoras e trabalhadores do Brasil, vocês existem e são valiosos para nós. Mulheres do Brasil, vocês existem e são valiosas para nós. Homens e mulheres pretos e pretas do Brasil, vocês existem e são valiosos para nós. Povos indígenas deste país, vocês existem e são valiosos para nós. Pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, travestis,

Como viver junto na cidade

Para completar o raciocínio sobre esse imprescindível combate, exemplifiquei com as pessoas com deficiência para afirmar que se quisermos viver em cidades inclusivas não bastará não sermos capacitistas: será preciso, também, sermos anticapacitistas. Também mostrei a capa do livro “Mobilidade antirracista” para dizer que precisamos estudar para aprender sobre essas complexas questões.¹³

Durante a palestra, apoiado em muitas imagens, falei de exposições de arte e fiz um longo *tour* por cidades, mundo afora: de Joanesburgo a Varsóvia, de São Paulo a Calcutá.¹⁴

Dentre as muitas fotografias que usei, detive-me especialmente na apresentada na Figura 1. Nela vemos uma mulher negra, fichada pela polícia de Montgomery (Alabama/Estados Unidos). A costureira Rosa Parks foi presa pela primeira vez em 1º de dezembro de 1955 por descumprir uma lei então vigente em sua cidade. Seu delito: não se levantar de seu assento em um ônibus para dar lugar a um passageiro branco que havia acabado de embarcar.¹⁵

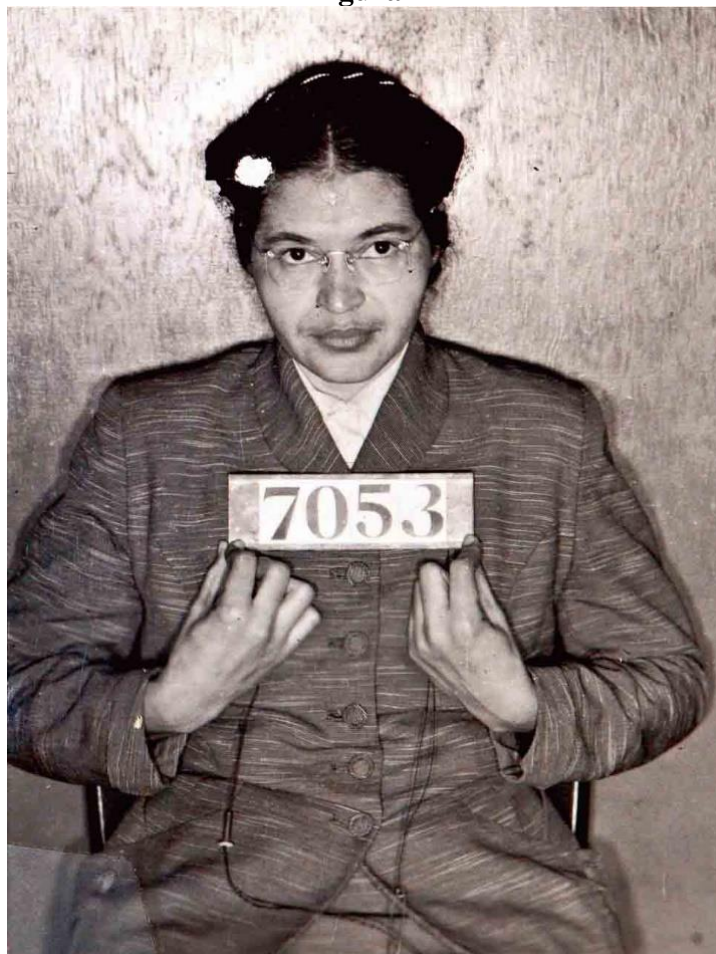
intersexo e não binárias, vocês existem e são valiosas para nós. Pessoas em situação de rua, vocês existem e são valiosas para nós. Pessoas com deficiência, pessoas idosas, anistiados e filhos de anistiados, vítimas de violência, vítimas da fome e da falta de moradia, pessoas que sofrem com a falta de acesso à saúde, companheiras empregadas domésticas, todos e todas que sofrem com a falta de transporte, todos e todas que têm seus direitos violados, vocês existem e são valiosos para nós”.

¹³ SANTINI et al (2021).

¹⁴ Uma das exposições foi a 31ª Bienal de São Paulo, nomeada *como (...) coisas que não existem* (BIENAL-SP, 2014a). Aproveitei-me desse instigante e curioso nome para provocar os presentes a pensar na mobilidade urbana com desenho universal e tentar responder: *Como conseguiremos querer coisas que ainda não existem?*

¹⁵ CARSON, C. (2014, p.69, 72).

Figura 1



fonte: EL NO (2020).

Terminei minha palestra em Cataguases relatando experiências de implantação de espaço compartilhado (*shared space*) em cidades europeias para, em seguida, citar uma assertiva do filósofo francês Alain Badiou: “Temos que ir contra a corrente, mesmo, e sobretudo, quando há consenso aparente, maciço, arregimentado por ideias retrógradas; vale aqui a disciplina da convicção, mesmo que se esteja em ruptura total com o consenso em toda sua espessura.”¹⁶

2 Quem sou eu

Faço aqui uma breve descrição para quem ainda não me conhece, para saber qual é o meu “lugar de fala” ou, melhor formulando, qual é o “lugar de onde eu falo”.¹⁷

¹⁶ BADIOU, A. (1999a, p.19).

¹⁷ Uso essas expressões apoiando-me em RIBEIRO, D. (2017) e VON HUNTY, R. (2020c).

Como viver junto na cidade

Sou um homem branco idoso, de classe média, casado, brasileiro nascido em Belo Horizonte (Minas Gerais). Graduei-me em engenharia civil na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1983. Desde então, venho fazendo um longo percurso de trabalho e de estudo. Minha formação acadêmica inclui uma especialização em Urbanismo na Arquitetura (1988) e outra na Geografia (1996), um mestrado em Administração Pública (2000) e um doutorado em Ciências Sociais (2014). Fiz também muitos cursos complementares, sendo os dois últimos: *Diplomado Internacional: Acción Internacional de los Gobiernos Locales* (2017) e *Faz escuro mas eu canto* (2021).¹⁸

Para além de trabalhar e estudar, durante toda a minha vida participei e permaneço participando de conselhos de políticas públicas e de organizações não governamentais (ONG). A mais recente ONG à qual me vinculei é o Centro Internacional de Longevidade no Brasil / International Longevity Centre (ILC-BRAZIL), onde atuo como coordenador de mobilidade urbana.

Iniciei a presente pesquisa aos 62 anos, trabalhando na BHTrans, uma empresa pública da administração indireta da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), onde ingressei por concurso público em 1992. Ao retornar à engenharia para um pós-doc, depois de quarenta anos da minha graduação, estou certamente completando um novo ciclo de trabalho e pesquisa.

Um destaque: a pesquisa *Como viver junto na cidade* mantém sintonia com o trabalho que desenvolvo desde antes de me graduar, tanto dentro do Estado, quanto fora dele, sempre em busca de uma cidade para todas as pessoas. Não por outro motivo, o subtítulo de minha tese de doutorado, defendida em 2014, foi: “uma pesquisa sobre o direito de acesso amplo e democrático ao espaço urbano”. Nessa pesquisa eu afirmei, e aqui reafirmo, sou uma pessoa “com interesses bastante ecléticos e que gosta de viajar para poder flunar em cidades de todo o mundo”.¹⁹

¹⁸ [Clique aqui](#) para consultar o meu *Curriculum Vitae* na plataforma *Lattes*.

¹⁹ OLIVEIRA, M.F. (2014a, p.49). Minha inspiração nessa afirmação foi Howard Becker (2009a) no prefácio do livro “Falando da sociedade”.

3 Fundamentação teórica

A pesquisa *Como viver junto na cidade* ancora-se em muitos pilares. Eles são citados nos muitos documentos que compõem o seu relatório final. A eles se juntam dez conceitos-chaves, listados mais adiante. Antecipo aqui alguns pilares que atravessam toda a pesquisa.²⁰

Inicialmente, retomo Alain Badiou em conferência nomeada “Ética e política”:

A política só pode ser um pensamento se ela decide algo; se ela afirma algo ser possível, ali mesmo onde só há declaração de impossibilidade. A política consiste em pensar e praticar o que é declarado impossível pela política dominante. É isso que faz com que uma política seja real. É quando ela força o impossível a existir.²¹

Baseando-me nesse pilar, afirmo que minha pesquisa apresenta propostas concretas para garantia do direito a uma cidade inclusiva, onde todas as pessoas possam acessar, com desenho universal, serviços públicos de qualidade. Se a lógica capitalista (apoiada pelo senso comum de gestores oportunistas e mal informados) afirma que o desenho universal não é realizável, eu aqui mostro como implementá-lo para efetivar o que a legislação já nos concedeu e ainda não foi entregue.

Assim fazendo, dou concretude ao desenho universal em ônibus, em travessias semaforizadas de pedestres, em táxis, em metrô etc. Nos últimos quarenta anos de trabalho, essa foi sempre minha exigência ética: desejar que a política de mobilidade urbana acessível com desenho universal exista. Agora, nesse meu pós-doc, apresento provas e reafirmo que não pretendo ceder.²²

Minha pesquisa busca aproveitar uma “janela de oportunidades”: uma *policy window* conforme propõe John Kingdon em *Agendas, Alternatives, and Public Policies*.²³

Explico. Minha avaliação é de que os tomadores de decisão municipais e metropolitanos de todo o país continuarão sendo fortemente pressionados – por bastante

²⁰ Ao leitor que estranhar uma pesquisa na Engenharia anunciar sua fundamentação teórica tão ancorada na Filosofia, nas Ciências Sociais e nas Artes, apresento três pressupostos. Primeiro, que a Filosofia permite-nos trabalhar com conceitos que estão além de qualquer demonstração física. Segundo, que para efetivar o direito ao desenho universal na mobilidade urbana, não basta conhecer as condições em que se dão os deslocamentos de pessoas e cargas no espaço urbano. Precisamos, igualmente, conhecer a diversidade de imperativos que constroem ou estimulam esses deslocamentos. Quanto às Artes, isso deve-se a uma aposta: a de que os artistas antecipam questões que, muitas vezes, passam despercebidas pelos cientistas.

²¹ BADIOU, A. (1999b, p.37-38).

²² “Mas, talvez, a primeira exigência ética seja: desejar que uma tal política exista. E, como diz Lacan, nunca ceder quanto a esse desejo” (BADIOU, A., 1999b, p.45).

²³ KINGDON, J.W. (1995a).

Como viver junto na cidade

tempo – a dar soluções locais para problemas nacionais de mobilidade urbana. Muitos desses problemas já existiam, mas pioraram com a pandemia de Covid-19. O financiamento do custo do transporte coletivo, que é apenas um deles, já até impulsionou prefeitos a adotarem a tarifa zero no transporte coletivo de suas cidades. É o caso, por exemplo, de Caeté e Ibirité, para ficarmos apenas na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH).²⁴

Como sabemos que problemas estruturais não se resolvem com medidas tópicas, mas não se pode ficar localmente paralisado durante crises nacionais, os gestores da mobilidade urbana serão – todos – submetidos a algum desgaste e muito stress. É nesse momento que soluções bem fundamentadas – como as que formulo em minhas notas técnicas – podem encontrar ambiente para serem adotadas pelos tomadores de decisão de Belo Horizonte e, até mesmo, de outras cidades. Cito Kingdon, em tradução livre minha: “A *policy window* é uma oportunidade para os defensores de propostas empurrarem suas soluções preferidas para seus problemas especiais”.²⁵

Minha pesquisa tem como objetivo central, portanto, apresentar soluções para problemas de falta de acessibilidade com desenho universal no sistema de mobilidade urbana de Belo Horizonte, para atendimento ao que já dispõe a legislação vigente. Esses problemas, mesmo não sendo considerados como prioridade pelos gestores, continuam e continuarão exigindo respostas dos três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário). Quem cobra e continuará cobrando por soluções são, especialmente, a sociedade civil organizada e os órgãos de controle. Minhas soluções, no entanto, são dirigidas tanto aos que cobram quanto aos que são cobrados.

Se a mobilidade urbana é, sabemos todos, um assunto complexo, a falta de acessibilidade na mobilidade urbana é certamente um problema de alta complexidade e de difícil solução, um autêntico *wicked problem*. Esse pilar ancora-se nas formulações de Horst Rittel e Melvin Webber em 1973 e na leitura que delas fizeram autores como Quim Brugué em 2015.²⁶

²⁴ MANSUR, R. (2021) e PASSAGEM (2022). Em sua pesquisa de mestrado, em curso, Daniel Santini (2023a) identificou que em 03/01/2023 já existem 55 municípios brasileiros com o “Passe Livre universal, que somam uma população de mais de 2,5 milhões”.

²⁵ No original: “The policy window is an opportunity for advocates of proposals to push their pet solutions, or top up attention to their special problems” (KINGDON, J.W., 2003c, p.165).

²⁶ RITTEL, H.W.J. & WEBBER, M.M. (1973); BRUGUÉ, Q. et al. (2015). Esses autores espanhóis traduziram *wicked* (do original em inglês) para *maldito*. Na falta de uma palavra em português que traduza bem *wicked* (que seria bizarro, diabólico, maldito, malicioso, perverso) para qualificar esse tipo de problema, na presente pesquisa traduzo *wicked problem* como “problema de alta complexidade e difícil solução”. Acesse o verbete

Como viver junto na cidade

Como as soluções para os *wicked problems* não são simples, eles costumam ficar distantes das agendas de prioridades. Minha pesquisa tem como meta desenhar um conjunto de soluções viáveis a curto prazo para superar dificuldades. Mesmo assumindo que serão integralmente cumpridas apenas a médio e longo prazos, essas soluções podem permitir avançar imediatamente, com resultados concretos, na busca permanente de uma cidade melhor para todas as pessoas.

Isto, naturalmente, a depender de como as soluções forem (se forem) assumidas pelo poder público e de como forem (se forem) amparadas em acordos com as partes interessadas. Insisto, apoiando-me nas filósofas Angela Davis e Marilena Chaui: as decisões dos governos dependem fundamentalmente das pessoas e instituições que decidirem deles exigir a efetivação de direitos.²⁷

Como um argumento adicional para atrair apoiadores, destaco que as soluções que apresento na pesquisa *Como viver junto na cidade* podem, também, proteger os atuais gestores públicos de acusações de descumprimento da rigorosa legislação vigente, que já é flagrante em alguns casos.²⁸ Isto, mesmo que nesse pacote de soluções haja – e há – medidas que não serão imediatamente implantadas, exigindo a adoção de medidas assumidamente temporárias como uma antecipação imediata possível.

Essas medidas “não definitivas”, digamos assim, são certamente “caminhos estreitos” que não levam muito longe, usando expressão usada por Heidegger para expressar sua descrença na possibilidade de mudar o mundo.²⁹ Diferente do filósofo alemão, no entanto, assumo que minha ideia é aproveitar a janela de oportunidades que está temporariamente aberta para implantar pequenas soluções capazes de abrir o caminho para

[problema “wicked”](#) da *Biblioteca do Levante-BH* (OLIVEIRA, M.F., 2022c3) para conhecer mais sobre esse conceito, inclusive sua possível relação, sugerida por Joaquim Lavarini, com o “Mal estar na civilização” de Sigmund Freud.

²⁷ “Mesmo que tenhamos críticas a Obama, é importante enfatizar que não estaríamos em uma situação melhor com Romney na Casa Branca. O que nos fez falta nos últimos cinco anos não foi o presidente correto, e sim movimentos de massa bem-organizados.” (DAVIS, A. (2018a2, p.20) e “É importantíssimo que a sociedade faça críticas e leve o governo em direção à esquerda. O Lula e a Erundina diziam isso: ‘Para poder governar eu preciso dos grandes movimentos sociais puxando para a esquerda’.” (CHAUÍ, M., 2013a, p.13).

²⁸ Em 2015, a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) da Pessoa com Deficiência estabeleceu uma nova tipificação de improbidade: “IX – deixar de cumprir a exigência de requisitos de acessibilidade previstos na legislação.” (BRASIL, 2015a, art.103). Essa tipificação foi revogada seis anos depois (BRASIL, 2021n), mas as exigências de cumprimento dos requisitos de acessibilidade permanecem vigorando.

²⁹ “Não conheço nenhum caminho que leve a mudar de maneira imediata o estado presente do mundo [...] Podemos nos pôr apenas numa passagem: construir caminhos estreitos, não indo muito longe.” (HEIDEGGER citador por NOVAES, A., 2013, p.13).

Como viver junto na cidade

a implementação das medidas capazes de interferir de forma contundente na realidade. Assim fazendo, vamos construindo – passo a passo – cidades inclusivas.

É importante destacar que na proposição de soluções sustentadas no desenho universal para garantir o direito à cidade, adoto o urbanismo de resultados nos termos propostos por François Archer em 2001. Ao fazê-lo, migro das regras de exigências para as regras de resultados.³⁰ Um dos pilares de minha pesquisa é que o desenho universal não é um direito, apenas, das pessoas com deficiência, como pode parecer à primeira vista, com base no senso comum e em uma leitura superficial da legislação. Uma cidade com desenho universal é aquela que permite a todas as pessoas serem desiguais com direitos iguais. E mais: criar as condições para que pessoas com mobilidade reduzida tenham garantido seu direito à cidade é garantir o direito à convivência entre os diferentes.

Podemos aqui afirmar, sem receio, que a adoção do desenho universal na mobilidade urbana será benéfica a “todos e todas que sofrem com a falta de transporte, todos e todas que têm seus direitos violados”. Como já citei anteriormente, essas pessoas – que compõem uma imensa categoria minorizada de cidadãos brasileiros – “existem e são valiosas” para o Governo Federal que tomou posse em 1º de janeiro de 2023.³¹

A minha pergunta de partida na pesquisa *Como viver junto na cidade* é, portanto: *como efetivar em Belo Horizonte o direito à acessibilidade com desenho universal na mobilidade urbana já concedido pela legislação brasileira?* O desafio pode ser assim formulado: *como garantir a acessibilidade com desenho universal na mobilidade urbana para vivermos todos juntos sem desconsiderar que as pessoas são todas diferentes?*

Para que não parem dúvidas, destaco que o foco da minha pesquisa é a acessibilidade com desenho universal, tomando a mobilidade urbana como um recorte para discuti-la. Ao assim definir o escopo da pesquisa, aspectos importantes do *como viver junto na cidade* serão deixados de lado. Mais adiante detalho essas ausências.

Desde já, no entanto, é importante ficar bem claro que para podermos *viver junto na cidade* não se pode querer atender às necessidades de um “usuário médio” da mobilidade

³⁰ “O neourbanismo privilegia os objetivos, os resultados a ser obtidos [...]. Esse urbanismo de resultados deve se esforçar para produzir regras ao mesmo tempo incentivadoras e limitantes. Isso requer competências técnicas e profissionais muito mais elaboradas.” (ARCHER, F., 2010, p.84).

³¹ As citações são trechos de discurso de Silvio Luiz de Almeida (2023a). A palavra “minorizada”, que aqui adoto, foi usada pela economista Kelly Cristina na *live* de apresentação (ESPÍRITAS À ESQUERDA, 2022) da edição antirracista de “O Evangelho segundo o espiritismo” de Allan Kardec.

Como viver junto na cidade

urbana. Atender a esse usuário – inexistente – vem permitindo a adoção de soluções sem desenho universal que, como consequência, deixam de lado uma multidão de usuários que estão abaixo da média.

As soluções apresentadas nas minhas notas técnicas, das quais falo detalhadamente mais adiante, estão amparadas em dez conceitos, cada qual derivando para outros que os complementam. São eles, integrantes do *Vocabulário de Acessibilidade com Desenho Universal na Cidade* (em ordem alfabética para não sugerir uma hierarquia): 1) acessibilidade com desenho universal; 2) alteridade e ética; 3) classes (de serviços e pessoas); 4) cultura cidadã; 5) direito à cidade (como integrante de um rol de direitos); 6) exclusão, inclusão, integração, segregação e formas de acesso a locais, serviços e mobiliários; 7) igualdade e equidade na desigualdade; 8) mobilidade urbana; 9) política; 10) utopia.

Esses dez conceitos, usados em minha pesquisa, permitem a todos bem entenderem, por exemplo, o que é “acessibilidade com desenho universal na mobilidade urbana”, conceito muito falado e pouco entendido. O que se vê sendo praticado na mobilidade urbana, diariamente, Brasil afora, e na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) em particular, permite-me concluir que há uma ignorância generalizada no assunto. Isto, para além da falta de interesse em priorizar o cumprimento do direito à acessibilidade com desenho universal.

Não será por falta de informação que doravante, na mobilidade urbana da RMBH, se continuará decidindo de forma equivocada e ilegal, violando direitos garantidos na legislação vigente, não exigindo que esses direitos sejam efetivados.

Nas minhas notas técnicas, das quais falo detalhadamente mais adiante, o leitor conhecerá situações na mobilidade urbana, ao longo do tempo e da história, que são por mim tipificadas como exemplos de exclusão, inclusão, integração ou segregação. Em cada documento são mostradas possibilidades de efetivação e formas de negação do direito à acessibilidade com desenho universal na mobilidade urbana. Em cada caso, a tipificação se dará pela ausência ou pela adoção do “desenho universal como regra de caráter geral”: assim está formalizado, de forma inequívoca, esse direito na legislação brasileira.³²

³² “Art. 55 - A concepção e a implantação de projetos que tratem do meio físico, de transporte, de informação e comunicação, inclusive de sistemas e tecnologias da informação e comunicação, e de outros serviços, equipamentos e instalações abertos ao público, de uso público ou privado de uso coletivo, tanto na zona urbana

Como viver junto na cidade

É importante aqui destacar que o conjunto de normas legais, que denominei “marco legal brasileiro de acessibilidade” é um pilar estruturante da pesquisa *Como viver junto na cidade*. Ele é minuciosamente detalhado em uma de minhas notas técnicas.

Concluo minhas considerações iniciais apoiando-me na aula *Precisamos falar de democracia* de Marilena Chaui. Cito-a: “O cerne da democracia, [...] o que lhe dá sentido, é a criação, a conservação e a garantia de direitos. Esses direitos se erguem na forma de contrapoderes”.³³ O direito à acessibilidade com desenho universal na mobilidade urbana é tomado em minha pesquisa como um direito capaz de impulsionar a democracia: um contrapoder estratégico para conseguirmos *viver junto na cidade*.

3 A escolha do nome da pesquisa

Tomemos agora o nome da minha pesquisa: *Como viver junto na cidade*. Por que escolhi esse nome?

Minha inspiração inicial é o *Como viver junto*, de Roland Barthes, originalmente *Comment vivre ensemble* em francês e, dentre muitas outras línguas para as quais o livro foi traduzido, *Cómo vivir juntos* em castelhano e *How to Live Together* em inglês.³⁴

Ao nome das aulas e seminários de Roland Barthes (1976-1977), adicionei o “na cidade”, que é onde vivo, gosto de viver e pretendo continuar vivendo.³⁵ Justifico essa escolha apoiando-me no antigo ditado popular alemão: *Stadtluft macht frei* (O ar da cidade torna você livre).³⁶ Essa expressão está cunhada em moeda alemã de 1€ do ano 2002 para comemorar o *Deutsche Mützgeschichte 1200 Jahre* (1.200 anos de história da moeda alemã).³⁷ A Figura 2 mostra um dos lados dessa moeda.

como na rural, devem atender aos princípios do desenho universal, tendo como referência as normas de acessibilidade. §1º O desenho universal será sempre tomado como regra de caráter geral.” (BRASIL (2015a). Os sete princípios do desenho universal estabelecidos pela *North Carolina State University* (NCSU) em 1997 conforme CEUD (2018) receberam as seguintes designações no Brasil em 2015, confirmadas em 2020: 1) uso equitativo; 2) uso flexível; 3) uso simples e intuitivo; 4) informação de fácil percepção; 5) tolerância ao erro; 6) baixo esforço físico; 7) dimensão e espaço para aproximação e uso” (ABNT, 2015b; 2020a3).

³³ CHAUI, M. (2020a).

³⁴ BARTHES, R. (2002; 2003a; 2005; 2012).

³⁵ Senti-me representado ao ler uma confidência de Laure Elkin (2022, p.14) em seu livro *Flanêuse*: “Em algum lugar do Sexto Arrondissement percebi que queria passar o resto de minha vida numa cidade [...]”.

³⁶ CHARLOTTE D. (2022); KISLINGER, H. (2018). Tradução livre minha para expressão comentada traduzida como “O ar da cidade o torna livre”. Cito Charlotte D.: “A partir do século 11, com o crescimento das cidades, tornou-se o direito consuetudinário que se um servo vivesse em uma cidade por um ano e um dia [...] estaria livre de seu senhor e não poderia ser reclamado por ele. Muitos servos começaram a fugir das terras feudais para ganhar liberdade na cidade [...]”.

³⁷ ALEMANHA (2002) com tradução livre minha.

Figura 2



fonte: ALEMANHA (2002).

Se, no passado, viver na cidade é o que nos tornava livres do jugo do senhor feudal europeu, minha pesquisa apresenta o que precisamos fazer para que isso seja uma realidade hoje, para conseguirmos *viver juntos* nas nossas cidades. Esse direito precisa ser desfrutado por todas as pessoas e não apenas pelas poucas que podem usufruir de tudo que uma cidade oferece.³⁸ Quanto a viver *livres*, para isso precisamos também viver com segurança, sem poluição, sem desigualdade, sem enchentes, sem desmoronamentos, mas a presente pesquisa não tratará desses temas.³⁹

³⁸ Comentando o livro “Learning from the Germans: Confronting Race and the Memory of Evil” (2019), Juliana Albuquerque nos conta que a filósofa Susan Neiman “retoma alguns dos temas da sua obra [...] para discutir se um processo semelhante ao que levou os alemães a assumirem a culpa pelos crimes cometidos durante a Segunda Guerra Mundial poderia ser adaptado à questão racial nos Estados Unidos” (ALBUQUERQUE, J., 2020b). Minha aposta é que no presente continuam sendo usados métodos como os que, no passado, foram usados pelos nazistas na Europa e pelos racistas nos Estados Unidos, agora para segregar nas cidades as pessoas pobres, as pessoas com deficiência, as pessoas idosas etc. Lutar contra métodos racistas, capacitistas e idadistas (dentre outros) é uma necessidade ética para sermos capazes de barrar soluções que, por vezes, são apresentadas como modernas, inteligentes (*smart*) e inovadoras. Destaque-se que a discriminação a categorias minorizadas acontece também com os chamados “povos originários”, mundo afora. Na Bolívia, Miquel Ramos (2019) denuncia que os golpistas que depuseram o presidente Evo Morales em 2019 pintaram FUERA INDIOS no asfalto em La Paz. Perto dali, para entender a ingovernabilidade política no Peru, Sylvia Colombo (2023a) alerta que “Lima não foi construída para receber a população camponesa em fúria que decidiu ‘tomá-la’ na última semana. Ao contrário, foi levantada para escondê-la. Por praticamente todos os séculos da história peruana, o campo era o lugar do indígena, do branco pobre, do afroperuano”.

³⁹ Faço esse alerta motivado por comentário de Jorge Posada (2022a) após ler a versão A desta introdução: “O ar da cidade me torna livre? Livre de que? Essa afirmação é polêmica e complexa. Livre da poluição, da desigualdade, do não acesso aos equipamentos urbanos?”.

Como viver junto na cidade

Barthes não inspirou apenas a mim, naturalmente.⁴⁰ Destaco aqui uma exposição de arte que adotou o nome de sua coletânea de cursos e seminários no *Collège de France*. Ela reforçou minha escolha pelo nome *Como viver junto na cidade*. Essa exposição, que visitei inúmeras vezes em 2007, é a 27ª Bienal de São Paulo, nomeada *como viver junto / how to live together*.⁴¹ Foi ali, pelas lentes do sul-africano Pieter Hugo, que conheci os homens que passeiam com suas hienas, babuínos e cobras em cidades nigerianas. No caso dos babuínos, fotografias os mostram com seus donos em Abuja, Asaba, Lagos e Ogere-Remo.

Uma dessas fotografias, mostrada na Figura 3, me chamou especialmente a atenção.

Figura 3 – “Motociclista com babuíno Amiloo, Nigéria, 2005” de Pieter Hugo.⁴²



fonte: HUGO, P. (2005).

⁴⁰ Acesse o verbete [Como viver junto](#) da *Biblioteca do Levante-BH* (OLIVEIRA, M.F., 2021c7) para informações sobre as expressões: aprender a viver juntos, como criar cidades juntos, como nos manter juntos, como vivemos agora, como viver junto na cidade, como viveremos juntos).

⁴¹ BIENAL-SP (2007a).

⁴² Tradução livre minha de “Motorbike rider with Amiloo, Nigeria, 2005”.

Como viver junto na cidade

Ao ver novamente essa fotografia penso que é desafiador estabelecer *como viver junto* e conseguir regular as posturas municipais em cidades onde se pode, a qualquer momento, ver um macaco vestido com a camisa da seleção de futebol da Inglaterra montado na garupa de uma motocicleta. Destaco, nessa fotografia, a existência de uma corrente a nos mostrar que *Amiloo* não é um animal doméstico.

Antes de prosseguir, destaco outra exposição: a 17ª Bienal de Arquitetura de Veneza (Biennale-Architettura 2021 – La Biennale di Venezia). Nesse caso, a questão barthesiana foi transformada em uma pergunta, apostando ser necessário buscar respostas: *Como viveremos juntos? / How Will We Live Together?*⁴³

4 A escolha de Belo Horizonte e da logomarca Levante-BH

Explico agora, neste *overview*, o nome *Levante-BH* que adotei para compor o nome dos produtos da minha pesquisa. Desde já agradeço à agência *Pallavra Certa* pela criação da logomarca, com letras fissuradas, reproduzida na Figura 4. Ela é usada no cabeçalho do presente documento e em todos os demais produtos da pesquisa.

Figura 4



#pracegover: logomarca com fundo marrom e LEVANTE escrito em letras maiúsculas brancas, seguida de BH em letras maiúsculas amarelas.

A escolha pela palavra *levante* para compor a minha logomarca foi motivada pela exposição *Levantes* no Sesc Pinheiros, em São Paulo. Com o nome *Soulèvements*, a exposição organizada por Georges Didi-Huberman foi aberta ao público pela primeira vez em Paris, em outubro de 2016. Ela esteve exposta em São Paulo de outubro de 2017 a janeiro de 2018 e sua itinerância incluiu, ainda, Barcelona, Buenos Aires, Cidade do México e Montreal.

⁴³ BIENNALE-ARCHITETTURA (2021a).

Como viver junto na cidade

Para não me delongar aqui, sugiro acessar o texto *Convite a um Levante*.⁴⁴ Ele narra os acontecimentos que motivaram a minha escolha. Lendo-o, é possível compreender por que cada um dos produtos da pesquisa *Como viver junto na cidade* é um pequeno levante.

Recorto desse meu *convite* um fragmento. É a descrição de um vídeo Roman Signer me assisti várias vezes na exposição *Levantes*, como uma criança diante de um desenho animado. De 2005, ele tem o nome *Rotes Band / Red Tape*, ou seja: *Fita Vermelha*.

Um carretel de fita vermelha é desenrolado pela força de um vento que vem do chão. A fita vai voando e caindo e tornando a voar e a cair, tudo isto em função da fita estar mais perto ou mais longe do vento. Isso é tudo o que vemos nesse curtíssimo vídeo do premiado artista plástico suíço. Saí dali com a certeza de que a cada vez que o carretel se desenrolar totalmente, o vento parar e a fita cair totalmente no chão, imóvel, essa fita nunca mais é a mesma que estava totalmente enrolada no carretel antes do vento começar a soprá-la. Que nos soprem bons ventos, então, sempre!⁴⁵

Antes de prosseguir descrevendo cada um dos produtos da pesquisa *Como viver junto na cidade*, cabe aqui uma explicação do porquê eu ter escolhido Belo Horizonte como cidade-objeto da minha pesquisa.⁴⁶ Além de ser a cidade onde atualmente vivo, que conheço bem e já tomei como objeto de diversas outras pesquisas, é uma cidade que transborda vanguarda⁴⁷ em questões urbanas, desde que substituiu Ouro Preto como capital de Minas Gerais em 1897.⁴⁸

Um bom exemplo dessa vanguarda é a instituição da gratuidade para as pessoas idosas nos transportes coletivos urbanos em 1984, em toda a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), por meio de uma portaria do então órgão gestor público de transporte coletivo metropolitano.⁴⁹ Esse direito passou a ser nacional em 1988, introduzido pela Constituição Federal conhecida como *Constituição Cidadã*.

⁴⁴ OLIVEIRA, M.F. (2019k) disponível no *website Levante-BH*.

⁴⁵ OLIVEIRA, M.F. (2019k).

⁴⁶ Uma curiosidade: Belo Horizonte foi inicialmente batizada como *Cidade de Minas* antes de receber o nome de *Bello Horizonte* [ainda com dois “eles”] em 1901.

⁴⁷ “Antecipando ações locais, a cidade de Belo Horizonte poderá usufruir de políticas federais de acessibilidade que certamente serão instituídas na gestão federal de 2023-2026.” (OLIVEIRA, M.F., 2022b2, p.2/nota).

⁴⁸ A forte relação entre as duas cidades é tratada no ensaio “Mobilidade urbana em Ouro Preto: ousadia como estratégia” (OLIVEIRA, M.F. & GOUVÊA, R.G., 2021g, p.67). Atendendo a um convite da Editora Aletria, nós (os autores) o estamos transformando em um pequeno livro que será lançado em breve

⁴⁹ Esse órgão é a Companhia de Transportes Urbanos da Região Metropolitana de Belo Horizonte (Metrobel) conforme “Transporte, privilégio e política” em OLIVEIRA, M.F. (2002), livro publicado a partir da minha dissertação de mestrado defendida no ano 2000.

Como viver junto na cidade

É importante demarcar que apesar de eu tomar Belo Horizonte como objeto da pesquisa, as propostas por mim formuladas poderão servir a qualquer cidade brasileira e, caso a caso, a cidades de fora do país. Minha premissa para essa afirmação é amparada no que aprendi com o escritor Liev Tolstói: “Fale de sua aldeia e estará falando do mundo”. Ao falar pontualmente de Belo Horizonte, propondo novos arranjos para suas falhas, seguirei um conselho da artista Yoko Ono: “Escolha um cantinho do mundo e cuide dele como se fosse seu”.⁵⁰

Sabemos que os problemas urbanos atuais das cidades são, muitas vezes, parecidos. As boas soluções que algumas cidades vão formulando e testando, portanto, podem e precisam ser compartilhadas. Um bom exemplo desse compartilhamento é o que vem sendo feito na Europa desde o ano 2010, quando foi lançado o prêmio *Access City Award (ACA)*.⁵¹ Segundo a Comissária Europeia para o Emprego, Assuntos Sociais, Competências e Mobilidade Laboral da Comissão Europeia, o relatório *ACA* com as experiências premiadas em 2018 “procura apresentar ideias de políticas e exemplos práticos para ajudar e inspirar outras cidades a enfrentarem desafios similares”.⁵²

Em outro sentido, as experiências comprovadamente ruins de uma cidade não precisam ser testadas em outras: basta que as conheçamos bem para rechaçá-las. Um exemplo claro é o da implantação de roletas e linhas de bloqueio em ônibus e estações de transporte coletivo, também em Belo Horizonte. Para tentar evitar a evasão de receita, muitas são as tentativas que, sob o manto de estarem sendo apenas “testadas”, violam flagrantemente os direitos dos usuários, em especial os das pessoas com deficiência. Esse é um claro exemplo de ação capacitista que, infelizmente, vez por outra volta a nos assombrar.

Como os gestores da mobilidade urbana não costumam querer compartilhar suas experiências fracassadas, infelizmente a informação sobre más ideias é escassa. A despeito disso, com base em tudo que pesquisei, cataloguei e analisei, pretendo elaborar um novo produto, que será um desdobramento futuro da minha pesquisa. Seu nome já está até mesmo escolhido: *Como não viver junto na cidade: caixa de Pandora da cultura cidadã*.⁵³

⁵⁰ ONO, Y. (2022).

⁵¹ Acesse o verbete [Access City Award](#) da *Biblioteca do Levante-BH* (OLIVEIRA, M.F., 2019c7) para encontrar facilmente os relatórios anuais e as leituras que fizemos de cada um.

⁵² Prefácio de Marianne Thyssen em EC (2018a/b, p.4).

⁵³ A caixa de Pandora é o artefato por meio do qual “se iniciou a degradação da humanidade” (BRANDÃO, J.S., 1986, p.168). Reunir as más ideias que coletei ao longo da minha pesquisa, guardando-as de volta na caixa de Pandora, é uma tentativa de fazer com que de lá não saiam mais. Restará ainda convencer os Epimeteu,

Como viver junto na cidade

Já que dei um *spoiler*, darei outro, igualmente um desdobramento futuro da minha pesquisa e que também já tem seu nome. Trata-se do *Como viver junto na cidade: mapa-múndi de boas ideias da cultura cidadã*.⁵⁴ Pretendo apresentar esses dois produtos lado a lado, em uma exposição. Já estou repleto de ideias – possibilidades – de como fazer isso. Possivelmente o farei em parceria com algum/alguma artista plástico. Espero poder em breve aguardar você, que está lendo essa minha confiança, na *vernissage* dessa exposição.

5 Os produtos da pesquisa

A pesquisa *Como viver junto na cidade* apresenta como produtos principais: um *website*, uma biblioteca, o embrião de uma rede de pesquisadores e um conjunto de notas técnicas. A presente introdução é igualmente um produto da pesquisa, especialmente elaborado para dar compreensão ao que ela contém.

À medida que a pesquisa vai avançando, outros produtos vão tomando forma. Mais adiante, na descrição das notas técnicas, falo deles. Outros subprodutos ficarão em estado embrionário ao final da pesquisa: um conjunto de cartilhas para explicar em linguagem simples o que são cada um dos sete princípios do desenho universal e diversas etnografias.⁵⁵ Uma dessas etnografias, com vasto material coletado e analisado tem como tema a “mobilidade urbana das mulheres”.⁵⁶ Outra etnografia, também vasta, trata de “pictogramas de semáforos. Fragmentos das duas são usados para ilustrar algumas notas técnicas.

A seguir descrevo, sucintamente, cada um dos produtos da pesquisa *Como viver junto na cidade*.⁵⁷

O *website Levante-BH* é um suporte eletrônico originalmente construído para suceder um sistema de informações que eu havia construído para sustentar a minha tese de doutorado e foi premiado pela PBH em 2014.⁵⁸ Esse sistema evoluiu, adotando vários nomes, até ser

mundo afora, na pele de prefeitos e gestores urbanos, a não abrirem a tampa dessa caixa. Sabemos que essa não será uma tarefa simples.

⁵⁴ Minha inspiração é a obra “Mapa-múndi BR” de Rivane Neuenschwander” (NEUENSCHWANDER, R. (2007), que já gerou o meu “Mapa-múndi do Brasil de Rivane Neuenschwander” (OLIVEIRA, M.F., 2020r).

⁵⁵ Ao falar da possibilidade de elaborar essas cartilhas em um evento social, a proprietária de uma editora manifestou interesse em publicá-las.

⁵⁶ Ao falar dessa etnografia em um evento social, uma diretora de cinema manifestou interesse em usá-la como material para a realização de alguns filmes.

⁵⁷ Minha meta, até o momento atingida desde junho/2022, é produzir pelo menos um documento ou concluir uma atividade da pesquisa a cada mês.

⁵⁸ “A construção de um sistema de informações da mobilidade urbana como condição para sustentar a revisão permanente do Plano de Mobilidade Urbana de Belo Horizonte (PlanMob-BH)” é o título do meu *paper* selecionado no *Prêmio Inovar 2014* (OLIVEIRA, M.F., 2014b).

Como viver junto na cidade

denominado *Biblioteca do Levante-BH*, deixando de ser um suporte para ser um dos produtos da minha pesquisa.

E por que dei a um conjunto de informações e documentos o nome de biblioteca? Para saber isso, acesse o *website Levante-BH* e consulte o meu texto *Biblioteca do Levante-BH*.⁵⁹ Lá, eu narro como a minha biblioteca foi sendo formada e como Aby Warburg, Alberto Manguel, Howard S. Becker, Lewis Mumford e Robert Lepage me influenciaram. A página de abertura do *website Levante-BH* é mostrada na Figura 5.

Figura 5



A fotografia usada do fundo dessa página é de autoria de Gilles Caron. Tirada em 1969, seu nome é *Manifestants catholiques, Bataille du Bogside, Derry, Irlande du Nord*.⁶⁰ Nela vemos dois jovens em uma rua suja, de costas, atirando pedras em soldados britânicos. Esses jovens irlandeses são como David diante de Golias: “independentemente do desequilíbrio de poder, os rebeldes são levados por um sentimento de invulnerabilidade e poder diante das forças de ordem objetivamente muito mais armadas”.⁶¹ Minha escolha por essa imagem para abrir o *website Levante-BH* é certamente autoexplicativa.

A *Biblioteca do Levante-BH*, integralmente acessada pelo *website Levante-BH*, tem hoje 18.558 registros.⁶² É neles que se sustentam as análises contidas nas notas técnicas da *série NTL*, da qual falo mais adiante. Seus registros permitem, especialmente, conhecer a mobilidade urbana em geral e a mobilidade urbana de Belo Horizonte em particular. Dentre

⁵⁹ OLIVEIRA, M.F. (2019c5) disponível no *website Levante-BH*.

⁶⁰ CARON, G. (1969a).

⁶¹ SOULÈVEMENTS (2016a - tradução livre minha).

⁶²Quantidades de registros apuradas em 05/02/2022.

Como viver junto na cidade

eles, 1.776 registros contêm resultados de indicadores, aí incluindo 233 específicos de acessibilidade.⁶³ Diante da escassez de informações quantitativas sobre acessibilidade, esses registros podem auxiliar as cidades que pretendem ser inclusivas e sustentáveis.

Quando a pesquisa *Como viver junto na cidade* for encerrada, em 2024, pretendo que a *Biblioteca do Levante-BH* prossiga sendo ampliada pelos integrantes da *rede Levante-BH*. Essa rede é um conjunto de pessoas, das mais variadas formações, convidadas a acompanhar, cada qual a seu modo, a pesquisa *Como viver junto na cidade*. Ao final da pesquisa, aqueles que quiserem prosseguir *junto* comigo, em uma busca permanente por novas soluções capazes de construir cidades efetivamente inclusivas, permanecerão e impulsionarão a rede.

Quando o conteúdo integral do *website Levante-BH* for liberado para consulta, saberemos se e como a rede Levante-BH se efetivou.⁶⁴ Saberemos, também, se essa rede será capaz de interferir na melhoria da vida urbana (transformada, renovada)⁶⁵ em Belo Horizonte, essa cidade cujo nome mais parece uma exclamação.⁶⁶

Você, portanto, que está lendo esta versão da introdução do relatório final da pesquisa de pós-doutorado de Marcos Fontoura de Oliveira, já está fazendo parte de um experimento científico. Explico. As pesquisas acadêmicas costumam ser cercadas de sigilo para que ninguém “roube a ideia” e publique um artigo em uma revista científica antes que a tese ou a dissertação seja formalmente defendida e aprovada. Não tenho esse receio.

Tudo que está contido nos documentos já produzidos para a minha pesquisa, bem como o que já produzi e ainda não usei diretamente, mas está arquivado nas prateleiras virtuais da Biblioteca do Levante-BH, é um material em evolução, um grande rascunho.

A narrativa contida nas postagens que publico quase diariamente no *website Levante-BH*, que em breve será totalmente de domínio público, são uma forma de resistência micropolítica. Essa é uma expressão usado por Marilene Filinto ao comentar a obra de Paul Preciado.⁶⁷ Vale destacar, aproveitando um pouco do que propõe esse filósofo *queer*: tudo que hoje escrevo e publico é uma narrativa resistente, é uma escrita de um levantino com o

⁶³Quantidades de indicadores apuradas em 05/02/2022.

⁶⁴ O *website Levante-BH* será liberado paulatinamente à medida que a pesquisa avançar.

⁶⁵ “O *direito à cidade* [...] Só pode ser formulado como *direito à vida urbana*, transformada, renovada.” Henri Lefebvre, 2008a1-2010).

⁶⁶ “Sabe-se que Minas já escolheu o território da sua capital, cuja descrição Olavo Bilac está fazendo na Gazeta. Chama-se Belo Horizonte. Eu, se fosse Minas, mudava-lhe a denominação. Belo Horizonte parece antes uma exclamação que um nome.” conforme Machado de Assis em ASSIS, J.M.M. (1894b).

⁶⁷ FELINTO, M. (2019).

Como viver junto na cidade

status de *copyleft* e não *copyright*. Estar à esquerda, mais uma vez, é um claro posicionamento meu.

O produto central da pesquisa *Como viver junto na cidade* é um conjunto de notas técnicas, todas propositivas e amparadas em diagnósticos, cada qual tratando de aspectos pontuais da acessibilidade com desenho universal para acesso pleno à cidade, com foco na mobilidade urbana. A elas dei o nome de *Notas Técnicas da Biblioteca do Levante-BH* ou, simplesmente, *série NTL*. Esses documentos são sucessores das minhas *Notas Técnicas de Acessibilidade* (denominadas *série NTA*), que elaborei e publiquei no *website* da BHTrans entre os anos de 2016 e 2021.

É importante aqui destacar que a transformação da *série NTA* em *série NTL* não foi apenas nominal. Trata-se de uma mudança, principalmente, de objetivo. Deixei de almejar a produção de diagnósticos para auxiliar a formulação e o monitoramento de políticas e planos de mobilidade urbana. A minha meta agora é produzir diagnósticos com propostas de intervenção (formulação, implantação e monitoramento) relativas a uma ampla política urbana com desdobramento em planos e projetos. O que espero é que os produtos dessa nova pesquisa sejam insumos para a sociedade civil organizada cobrar a efetividade de seus direitos e para os gestores públicos tomarem suas decisões em prol de uma cidade efetivamente inclusiva.

Destaque-se que ainda em plena pandemia de Covid-19 comecei a questionar os objetivos das NTA e decidi paralisar a organização de seminários sobre acessibilidade.⁶⁸ Destaco, ainda, mais uma diferença entre NTA e NTL. Se, em 2015, a conclusão de uma pesquisa de doutorado me motivou a criar a *série NTA*, em 2022 o caminho foi inverso. A *série NTL* foi concebida para ser um dos produtos da minha pesquisa de pós-doc.

As notas da *série NTL* são produtos de uma pesquisa científica. Nada impede, no entanto, que sejam incorporados, total ou parcialmente, pela burocracia estatal. Torçamos para que sejam!

⁶⁸ Desde 2015, “seminários internacionais de acessibilidade na mobilidade urbana” vinham sendo por mim organizados e realizados a cada dois anos. Desde 2017, participei da organização de “seminários de mobilidades contemporâneas”, que vinham acontecendo anualmente em Belo Horizonte. Nesse ritmo, haveria um seminário em 2020 e dois em 2021. A pandemia no Brasil teve início em fevereiro de 2020, interrompendo imediatamente a realização do seminário de 2020 e, posteriormente, a dos seminários de 2021. Vale lembrar que no final de 2020 essa pandemia dava sinais claros de que não iria arrefecer em 2021 (não para os negacionistas, naturalmente) e a realização de seminários não-presenciais foi descartada. O arrefecimento da pandemia me pegou já decidido a iniciar o meu pós-doc que, uma vez concluído, oxalá eu me anime a retomar a organização de novos seminários.

Como viver junto na cidade

À medida que eu for concluindo uma nova NTL ou emitindo uma nova versão de nota já elaborada, pretendo compartilhá-las com as pessoas que compõem o embrião da *rede Levante-BH*. Assim fazendo, as notas técnicas podem ser lidas, analisadas e criticadas antes de tomarem seus formatos finais. Essa é uma premissa. Ao final, quando a pesquisa for concluída, toda a *série NTL*, com toda a bibliografia que a sustenta, estará compartilhada *on-line* no *website Levante-BH*.

Apresento agora, a seguir, o que cada documento da *série NTL* contém ou conterá.

A NTL n.º 1 contém o *Vocabulário de Acessibilidade com Desenho Universal na Cidade*. Nesse documento apresento as definições de palavras e expressões usadas na pesquisa *Como viver junto na cidade*. Além das definições, são apresentados *links* para acesso a suas cronologias de formação, de forma que se possa bem compreender seus significados ao longo do tempo. Nessa nota técnica está registrada a advertência de que, como todo conceito, os nela apresentados devem ser tomados como em permanente evolução, suscetíveis de mudança a qualquer tempo. A NTL n.º 1A foi concluída em julho de 2022 e a NTL n.º 1B, em janeiro de 2023.⁶⁹ Sua última versão contém 132 palavras e expressões. Dentre elas, destaque-se uma que foi uma muitas vezes usada nesta introdução: “cidade inclusiva”.

A NTL n.º 2 trata da *Instituição da Política Municipal de Acessibilidade com Desenho Universal de Belo Horizonte (Padu-BH)*. Sua versão A foi concluída em junho de 2022.⁷⁰ Essa política que proponho instituir por meio de um decreto municipal, é resultado de uma longa investigação científica. A recomendação feita é que os tomadores de decisão de qualquer cidade brasileira aproveitem uma janela de oportunidades (*policy window*) para enfrentar um problema de difícil solução (*wicked problem*). Alerto que ter um plano pronto, como o que proponho, com o compromisso de atualizá-lo permanentemente e prestar contas periodicamente, significa oferecer instrumentos à sociedade civil e aos órgãos de controle. Afinal, um plano permite cobrar aquilo que os governos têm a obrigação legal de fazer e anunciam que farão, mas muitas vezes não fazem.

A NTL n.º 3 tratará de *Veículos de características urbanas do transporte público coletivo*.

⁶⁹ Versão A em OLIVEIRA, M.F. (2022b3), ainda com o nome de “Definições de conceitos da pesquisa *Como viver junto na cidade*”.

⁷⁰ Versão A em OLIVEIRA, M.F. (2022b2).

Como viver junto na cidade

A NTL n.º 4 tratará de *Veículos de características rodoviárias do transporte público coletivo*.

A NTL n.º 5 tratará de *Bonde e metrô*.

A NTL n.º 6 trata de *Bus Rapid Transit (BRT)*.

A NTL n.º 7 tratará de *Sinistros de trânsito*.

A NTL n.º 8 tratará de *Pontos de parada e estações do transporte coletivo*.

A NTL n.º 9 tratará de *Assentos e espaços preferenciais em veículos, pontos de parada e estações do transporte coletivo*.

A NTL n.º 10 tratará de *Atendimento preferencial em filas e guichês de pontos de parada e estações do transporte coletivo*.

A NTL n.º 11 trata de *Linhas de bloqueio em estações de transporte coletivo*, tomando Belo Horizonte e sua Região Metropolitana (RMBH) como objeto central de análise. Sua versão A foi concluída em agosto de 2022 ainda na forma de um esboço. Ela contém recomendações minhas à Diretoria Executiva da BHTrans. Pretendo que sua versão definitiva, quando publicada, auxilie órgãos de gestão da mobilidade urbana e órgãos de controle, Brasil afora, a não permitirem que direitos estabelecidos na legislação vigente sejam descaradamente ignorados como foram e, em muitas cidades, continuam sendo.

A NTL n.º 12 tratará de *Transporte público individual (táxi)*.

A NTL n.º 13 tratará de *Transporte escolar*.

A NTL n.º 14 tratará de *Gratuidades e descontos no transporte coletivo e no trânsito*.

A NTL n.º 15 tratará de *Calçadas, travessias de pedestre, passarelas e escadarias*.

A NTL n.º 16 tratará de *Estacionamentos reservados*.

A NTL n.º 17 tratará de *Sinalização semaforica de trânsito*.

A NTL n.º 18 tratará de *Sinalização estatigráfica de trânsito*.

NTL n.º 19 trata de *Checklists e indicadores de acessibilidade*. A NTL n.º 19A foi concluída em julho de 2022 e a NTL n.º 19B está sendo elaborada.⁷¹ Um subproduto já se destaca: o *Caderno de Checklists e Indicadores de Acessibilidade*. Apesar de aqui

⁷¹ Versão A em OLIVEIRA, M.F. (2022b6), ainda com o nome de “Indicadores da pesquisa *Como viver junto na cidade*”.

Como viver junto na cidade

classificado como um subproduto, penso que esse será um dos documentos mais consultados de toda a pesquisa *Como viver junto na cidade*, pelos menos por gestores públicos de mobilidade urbana. Afinal, *checklists* e fichas de indicadores são materiais de fácil entendimento e relativa fácil aplicação, que dão respostas diretas e perguntas concretas. Que esse material seja igualmente acessado pelos burocratas dos órgãos de controle e por integrantes dos movimentos sociais.

NTL n.º 20 tratará do *Marco legal brasileiro de acessibilidade*, citado na fundamentação teórica da presente introdução.

Apesar de bem extensa, a presente pesquisa tratará de alguns assuntos superficialmente. Isto, porque muita informação foi recolhida e organizada durante a pesquisa, mas não é possível aqui apresentá-la integralmente. Como já antecipei, algumas etnografias serão apresentadas de forma ampla em algum outro momento.

Outros importantes assuntos que não tratarei nesta pesquisa para não correr o risco de ser superficial são: acessibilidade em praias e piscinas⁷², acessibilidade em edificações históricas;⁷³ acessibilidade em banheiros⁷⁴; acessibilidade em locais de uso turístico e/ou cultural como teatros e museus; acessibilidade ao esporte e lazer em locais como parques, praças, jardins e mirantes; acessibilidade em transportes por aplicativo; arborização urbana; conflitos de pedestres com bicicletas e patinetes; posturas municipais (como mesas e cadeiras na calçada). Reafirmo que esse recorte foi uma necessidade metodológica e estou certo de que sem tratarmos devidamente todos esses assuntos, de forma plena, não conseguiremos *viver junto na cidade*.

Por fim, cabe aqui uma explicação, adicional, para ajudar a entender o desenvolvimento da pesquisa *Como viver junto na cidade*. Venho valendo-me de uma nebulosa de pensamento. Ela me envolve e vai tomando nova forma à medida que avanço

⁷² No Brasil, pelo menos desde 1997 as “praias abertas à circulação pública” são também consideradas vias terrestres (BRASIL, 1997, art.2º). Antes que alguém diga que não há praias em Belo Horizonte, já que a cidade não está à beira-mar, é bom lembrar que uma praia ser oceânica, fluvial ou lacustre e, portanto, há praias belo-horizontinas pelo menos na famosa Lagoa da Pampulha. Do verbete [praia](#) da *Biblioteca do Levante-BH* (OLIVEIRA, M.F., 2019c13) derivam-se diversos verbetes onde estão organizadas informações relativas a segregação de pessoas em praias e piscinas, mundo afora e ao longo dos tempos.

⁷³ Em Belo Horizonte, a região denominada Circuito Liberdade, onde está inserido o Conjunto Arquitetônico da Praça da Liberdade, a despeito de seu simbólico nome “Liberdade”, é certamente um local que precisa ser objeto de propostas para ser efetivamente acessível a todas as pessoas. Afinal, de que adiantará se todos os ônibus de Belo Horizonte tiverem acessibilidade com desenho universal se, por exemplo, uma pessoa em cadeira de rodas ainda precisa usar uma porta segregada para entrar no Centro Cultural Banco do Brasil?

⁷⁴ Do verbete banheiro segregado da *Biblioteca do Levante-BH* derivam-se diversos verbetes onde estão organizadas informações relativas a segregação de pessoas em banheiros, mundo afora e ao longo dos tempos.

Como viver junto na cidade

na pesquisa, enquanto vou buscando informações e as analiso. Foi com firmeza que adotei esse conceito, tão logo o conheci. Isso se deu quando acessei o *website Cronologia do pensamento urbanístico* e os três volumes da coleção *Nebulosas do pensamento*.⁷⁵ Foi com prazer que li muitos verbetes do *website* e artigos da coleção. Em um deles, por exemplo, aprendi que em meados do século XIX as escravizadas libertas usavam, para vender suas mercadorias ao público em Salvador (Bahia), “pequenos espaços alugados nas calçadas”.⁷⁶

Assim é, que entre uma frase e outra que escrevo em meu relatório, assisto ao curta-metragem “O Levante” de Jonathas de Andrade, releio o poema “No Governo” de Laís Corrêa de Araújo e consulto um requisito de acessibilidade em um documento da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).⁷⁷ Entre a finalização de uma e outra NTL, publico um artigo ou um ensaio; faço uma palestra aqui, outra acolá. Cada uma das minhas publicações e cada um dos eventos dos quais participo interagem com a minha nebulosa de pensamento, dando-lhe nova e efêmera forma.

Sabemos, todos, que pesquisar é como escalar uma montanha: sabemos que queremos chegar ao cume, só não sabemos exatamente que caminho seguir para não sermos soterrados por uma avalanche.⁷⁸ Se você chegou até aqui neste documento, que é tão somente a segunda versão da introdução do relatório final da minha pesquisa *Como viver junto na cidade*, talvez tenha se interessado a, pelo menos, conhecer algo mais sobre a minha pesquisa. Se assim for, faça contato pelo e-mail marcosfolevantebh@gmail.com. Se isso acontecer, você certamente já estará incorporado à *rede Levante-BH*.

6 Considerações finais

Iniciei a escrita desta versão (B) nas primeiras horas do primeiro dia do ano de 2023, ainda encantado com a charge, mostrada na Figura 6, que circulou dias antes no Facebook.

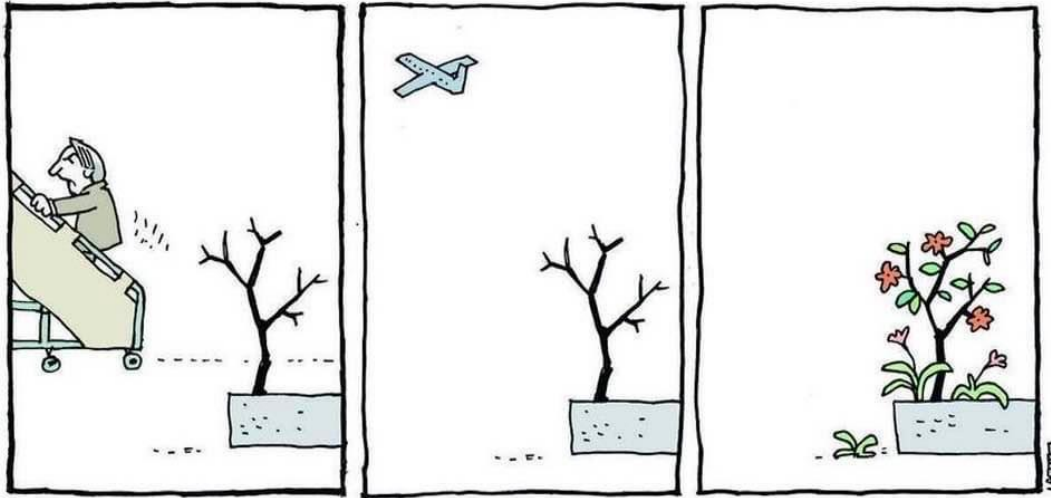
⁷⁵ *website* em PROURB/FAU-UFRJ et al. (2019) e coleção em JACQUES, P.B. & PEREIRA, M.S. (2018; 2019); JACQUES, P.B. & PEREIRA, M.S. & CERASOLI, J.F. (2020).

⁷⁶ VELLOSO, R. (2020, p.407).

⁷⁷ Vídeo em ANDRADE, J. (2014c); poema em ARAÚJO, L.C. (1995b). Para facilitar a consulta às normas da ABNT, que são muitas, organizei especialmente o verbete [NBR \(norma brasileira\)](#) na *Biblioteca do Levante-BH* (OLIVEIRA, M.F., 2019c8).

⁷⁸ “A dificuldade de começar de forma válida um trabalho tem, frequentemente, origem numa preocupação de fazê-lo demasiado bem e de formular desde logo um projecto de investigação de forma totalmente satisfatória. É um erro. Uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica. [...] Esse ponto de partida é apenas provisório, como um acampamento-base que os alpinistas constroem para prepararem a escalada de um cume e que abandonarão por acampamentos mais avançados até iniciarem o assalto final [...]” (QUIVY, R. & CAMPENHOUD, L.V., 2008a, p.31-32) em português de Portugal.

Figura 6



fonte: COUTINHO. L. (2022a).

#pracegover: charge assinada no canto inferior esquerdo por Laerte em três quadrinhos (1º: um homem mal-humorado e carrancudo sobe os degraus de uma escada de embarque aéreo deixando para trás uma planta seca que aparenta estar morta; 2º: um avião voa para longe e a planta permanece aparentando estar morta; 3: a planta que aparentava estar seca está viva, cheia de folhas e de flores, com novas flores nascendo ao seu redor).

Para além da genialidade da cartunista Laerte, em representar a fuga⁷⁹ para a Flórida (Estados Unidos da América) do ainda presidente do Brasil, que se concretizou às 14h02 do dia 30 de dezembro de 2022, essa obra de arte me remeteu ao que ensina Ai Weiwei. Em sua esplêndida exposição *Raiz* o artista plástico alertou: “Tudo é arte, tudo é política”.⁸⁰

Reafirmo, aqui, quatro premissas que vêm norteando minha pesquisa, desde seu início. Primeiro, que o desenho universal é uma ferramenta para alcançar a universalidade na fruição, com segurança e autonomia, de tudo aquilo que uma cidade pode oferecer. Segundo, que o desenho universal deve ser usado como uma arma contra as opressões, ao não ignorar que todas as pessoas são diferentes umas das outras. Terceiro, que a minha pesquisa nunca se esgotará, pois a qualquer momento surgirão com novas informações, novas leituras, novas descobertas, novas conquistas.⁸¹ Por último, minha premissa central: buscar escrever de forma simples, mesmo tratando de assuntos complexos, pois assim contribuirei para que o direito ao desenho universal possa ser plenamente desejado e reivindicado por todas as pessoas, minorizadas ou não.

⁷⁹ Em uma (quase) premonição, ainda em 2021 escrevi “Em 2023 [...] Um ex-presidente deixa sorrateiramente o país com seus quatro filhos” (OLIVEIRA, M.F. & GOUVÊA, R.G., 2021g, p.67).

⁸⁰ WEIWEI, A. (2019c).

⁸¹ Tão logo o *website Levante-BH* seja totalmente liberado para consulta, almejo que qualquer pessoa possa postar contribuições para seu aperfeiçoamento.

Como viver junto na cidade

Por fim, retomo o início deste documento onde, logo após o cabeçalho, eu escrevi: “a Rolland Barthes (1915-1980)”. Esse escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês foi atropelado no dia 25 de fevereiro de 1980 (morrendo um mês depois), quando atravessava a *Rue des Écoles*, em Paris, a caminho do *Collège de France*. Segundo consta, ele teria acabado de almoçar com François Mitterrand, que seria eleito presidente da França no ano seguinte. Dedico a ele esta introdução do relatório da pesquisa *Como viver junto na cidade*.

REFERÊNCIAS⁸²

ABNT (2015b): ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. NBR 9050: *Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos / Accessibility to buildings, equipment and the urban environment*. 3.ed. (11.09.2015 - validade 11.10.2015). Rio de Janeiro: ABNT, 2015. Anexo A (informativo) - Desenho universal e seus princípios, p.139-140.

ABNT (2020a3): ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. NBR 9050: *Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos / Accessibility to buildings, equipment and the urban environment*. 4.ed. Rio de Janeiro: ABNT, 3 ago. 2020. Anexo A (informativo) - Desenho universal e seus princípios, p.138-139.

ALBUQUERQUE, J. (2020b): ALBUQUERQUE, Juliana. Como superar males sociais como holocausto e escravidão? *Folha de São Paulo*, São Paulo, 1º dez. 2020.

ALMEIDA, S.L. (2023a): ALMEIDA, Silvio Luiz de. Discurso histórico de Silvio Almeida na posse como ministro dos Direitos Humanos (íntegra). *YouTube – canal TV Fórum*, Brasília, 3 jan. 2023. 41'19”.

ANDRADE, J. (2014c): ANDRADE, Jonathas de. Colaboração: Cristina Gouvêa. Curta-metragem. O Levante (2012-13). vídeo, cor, som, 8', resolução HD. *YouTube*, 25 jun. 2014.

ANTP (2021b): ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES PÚBLICOS – ANTP. Home page. *ANTP pede a prefeito de BH que não sancione lei que extingue a BHTRANS*. São Paulo, 21 out. 2021.

ARAÚJO, L.C. (1995b): ARAÚJO, Laís Corrêa de. No Governo. In: _____. *Pé de página*. Belo Horizonte: Nonada, 1995. n.p.

BARTHES, R. (2002): BARTHES, Roland. *Comment vivre ensemble: simulations romanesques de quelques espaces quotidiens*. Cours et séminaires au Collège de France (1976-1977). Paris: Seuil/Imec, 2002. 250p.

BARTHES, R. (2003a): BARTHES, Roland. *Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos*. Cursos e seminários no Collège de France, 1976-1977. Texto

⁸² Todas as referências aos documentos citados na pesquisa *Como viver junto na cidade* integram a Biblioteca do Levante-BH. Em sua grande maioria, são documentos com endereço eletrônico informado na biblioteca para acesso e/ou em arquivo que podem ser remetidos, a pedido, a qualquer interessado. Aqui, por uma escolha estética, omitimos esses endereços.

Como viver junto na cidade

estabelecido, anotado e apresentado por Claude Coste. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, R. (2005): BARTHES, Roland. *Cómo vivir juntos*: simulaciones novelescas de algunos espacios cotidianos. Notas de cursos y seminarios en el Collège de France, 1976-1977. Traducción: Patricia Wilson. Bajo la dirección de Eric Marty. Edición en español al cuidado de Beatriz Sarlo. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005. 256 p

BARTHES, R. (2012): BARTHES, Roland. *How to Live Together*: Novelistic Simulations of Some Everyday Spaces. Translator: Kate Briggs. New York: Columbia University Press, 2012. 222p.

BECKER, H. S. (2009b): BECKER, Howard S. Prefácio. In: _____. *Falando da sociedade*: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p.7-11.

BIENAL-SP (2007a): BIENAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO, 27, 2006, São Paulo. *como viver junto / how to live together*. Editores: Lisette Lagnado; Adriano Pedrosa. São Paulo: Fundação Bienal, 2007. 622p. (catálogo da exposição, Pavilhão Ciccilio Matarazzo, Parque do Ibirapuera, São Paulo/SP, de 7 de outubro a 17 de dezembro de 2006, edição bilíngue português/inglês).

BIENAL-SP (2014a): BIENAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO. Home page. *31ª Bienal de São Paulo - como (...) coisas que não existem*. Exposição realizada no Pavilhão Ciccilio Matarazzo, Parque do Ibirapuera, São Paulo/SP, de 6 de setembro a 7 de dezembro de 2014.

BIENNALE-ARCHITETTURA (2021a): BIENNALE ARCHITETTURA 2021 – LA BIENNALE DI VENEZIA. Home page. *How Will We Live Together?* Venice – Venezia, 2021.

BOLONHA, F. (2004): BOLONHA, Francisco. Cataguases é uma exceção.... In: COUTO, Thiago Segall. Patrimônio modernista em Cataguases: razões de reconhecimento e o véu da crítica. *Vitruvius* [portal], São Paulo, ano 5, nov. 2004.

BRANDÃO, J.S. (1986): BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 404p. (v.1).

BRASIL (2021n): BRASIL. Lei n.º 14.230, de 25 de outubro de 2021. Altera a Lei nº 8.429, de 2 de junho de 1992, que dispõe sobre improbidade administrativa. *Diário Oficial da União – DOU*, Brasília, 26 out. 2021. p.12.

BRUGUÉ, Q. et al. (2015): BRUGUÉ, Quim Brugué; CANAL, Ramón; PAYA, Palmira. ¿Inteligencia administrativa para abordar “problemas malditos”? El caso de las comisiones interdepartamentales / Managerial Intelligence to Address “Wicked Problems”: The Case of Interdepartmental Committees. *Gestión y política pública*, Ciudad de México, v.24, n.1, p.85-130, ene./jun. 2015.

CARON, G. (1969a): CARON, Gilles. Manifestants catholiques, Bataille du Bogside, Derry, Irlande du Nord. In: LEVANTES. Organização: Georges Didi-Huberman. Prefácio: Marta Gill. Introdução – O peso dos tempos: Georges Didi-Huberman. Com ensaios de: Judith Butler, Marie-José Mondzain, Jacques Rancière, Nicole Brenez. Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Eric R. R. Heneault, Jorge Bastos, Mariza Perassi Bosco. São Paulo: Sesc, 2017. 420p. (Catálogo de exposição, São Paulo, Sesc Pinheiros, 18 de outubro de 2017 a 28 de janeiro de 2018). p.139.

Como viver junto na cidade

CARSON, C. (2014): CARSON, Clayborne (Org.). *A autobiografia de Martin Luther King*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. 463p. Título original: *The Autobiography of Martin Luther King, Jr.*

CARVALHO, J.M. (1987): CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 196p.

CEUD (2018a): CENTRE FOR EXCELLENCE IN UNIVERSAL DESIGN – CEUD. Home page. *The 7 Principles*. Dublin, 4 fev. 2018.

CHARLOTTE D. (2022): CHARLOTTE D. O ar da cidade o torna livre: como as cidades libertavam as pessoas medievais. *Libertarian Europe*, s.l., s.d. Acesso em: 26 set. 2022.

CHAUÍ, M. (2020a): CHAUÍ, Marilena. Precisamos falar de Democracia – aula aberta com Marilena Chauí. vídeo, cor, 1h38'39". *Youtube – canal Saúde Mental e Reforma Psiquiátrica: clínica e política na transformação das práticas*, 3 out. 2020.

CHAUÍ, M. (2013a): CHAUÍ, Marilena. Pela responsabilidade intelectual e política. Entrevista concedida a Juvenal Savian Filho. *Cult*, São Paulo, ano 16, n.182, p.6-15, agosto 2013.

COLOMBO, S. (2023a): COLOMBO, Sylvia. O que está ocorrendo no Peru? *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 21 jan. 2023.

COUTINHO, L. (2022a): COUTINHO, Laerte. Charge para a fuga do presidente do Brasil à Flórida (Estados Unidos da América). *Facebook* (diversos perfis), 29 dez. 2022.

DAVIS, A. (2018a2): DAVIS, Angela. As lutas progressistas contra o insidioso individualismo capitalista – entrevista realizada por Frank Barat (conduzida por e-mail ao longo de vários meses de 2014). In: _____. *A liberdade é uma luta constante*. Organização: Frank Barat. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018. [recurso eletrônico – p.19-25].

EC (2018a): EUROPEAN COMMISSION – EC. *Access City Award 2018: examples of best practice in making EU cities more accessible*. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2018. 32p.

EC (2018b): EUROPEAN COMMISSION – EC. *Prémio Cidade Acessível 2018: exemplos de boas práticas para tornar as cidades da UE mais acessíveis*. Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia, 2018. 32p.

EL NO (2020): EL NO DE ROSA PARKS: todo empezó em una autobus en 1955. *EducaHistoria - laboratorio de didáctica e historia*, s.l., julio 2020.

ELKIN, L. (2022): ELKIN, Laure. *Flâneuse: mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres*. Tradução: Denise Bottmann. São paulo: Fósforo, 2022. 355p. Título original: *Flâneuse: Women Walk the City in Paris, New York, Tokyo, Venice, and London*.

FELINTO, M. (2019): FELINTO, Marilene. Livro rompe com políticas de corpo e sexualidade. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 28 set. 2019. Caderno Ilustrada.

FRANÇA, J.L.; VASCONCELOS, A.C. (2007): FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELOS, Ana Cristina. *Manual para normalização de publicações técnico científicas*. 8.ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 255p.

GERMINAS (2022): CONGRESSO DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA DE MINAS GERAIS – GERMINAS, 11. Belo Horizonte, Ouro Minas, 25 a 27 de agosto de 2022.

Como viver junto na cidade

JACQUES, P.B. & PEREIRA, M.S. (2018): JACQUES, Paola Bernstein; PEREIRA, Margareth da Silva (Org.). *Nebulosas do pensamento urbanístico*: tomo I – modos de pensar. Salvador: EdUFBA, 2018. 335p.

JACQUES, P.B. & PEREIRA, M.S. (2019): JACQUES, Paola Bernstein; PEREIRA, Margareth da Silva (Org.). *Nebulosas do pensamento urbanístico*: tomo II – modos de fazer. Salvador: EdUFBA, 2019. 465p.

JACQUES, P.B. & PEREIRA, M.S. & CERASOLI, J.F. (2020): JACQUES, Paola Bernstein; PEREIRA, Margareth da Silva; CERASOLI, Josianne Francia (Org.). *Nebulosas do pensamento urbanístico*: tomo III – modos de narrar. Salvador: EdUFBA, 2020. 497p.

KINGDON, J.W. (1995a): KINGDON, John W. *Agendas, Alternatives, and Public Policies*. 2.ed. New York: Harper Collins, 1995. 253p.

KINGDON, J.W. (2003c): KINGDON, John W. *Agendas, Alternatives, and Public Policies*. 2.ed. New York: Longman, 2003. Chapter 8 – The Policy Window, and Joining the Streams, p.165-195.

KISLINGER, H. (2018): KISLINGER, Helmut. *Stadtluft macht frei*: Eine Erzählung über ein leibeigenes Bauernpaar im 17. Jahrhundert. Wilhering: Bayer Verlag. 2018. 160p.

LEFEBVRE, H. (2008a1-2010): LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Tradução: Rubens Eduardo Frias. 5.ed. São Paulo: Centauro, 2008 [2.reimp.2010]. 144p. Título original: *Le droit a la ville*.

MANSUR, R. (2021): MANSUR, Rafaela. Caeté, na Grande BH, terá transporte coletivo municipal gratuito a partir desta quinta-feira. *GI*, 30 jun. 2021.

MOROZOV, E. & BRIA, F. (2019): MOROZOV, Evgeny; BRIA, Francesca. *A cidade inteligente – tecnologias urbanas e democracia*. Tradução: Humberto do Amaral. Prefácio: Rafael A. F. Zanatta. São Paulo: Ubu (coedição: Fundação Rosa Luxemburgo), 2019. 192p.

NEUENSCHWANDER, R. (2007): NEUENSCHWANDER, Rivane. *Mapa Mundi BR (Postal), 2007*. cartões postais, prateleiras de madeira (acervo de diversos museus e galerias).

NOVAES, A. (2013b): NOVAES, Adauto. *Mundos possíveis*. In: NOVAES, Adauto (Org). *Mutações: o futuro não é mais o que era*. São Paulo: Sesc SP, 2013. p.11-39.

OLIVEIRA, M.F. (2002a): OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. *Transporte, privilégio e política: um estudo sobre a gratuidade no transporte coletivo em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Guanabara, 2002. 215p.

OLIVEIRA, M.F. (2014a): OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. *Ausências, avanços e contradições da atual política de mobilidade urbana de Belo Horizonte: uma pesquisa sobre o direito de acesso amplo e democrático ao espaço urbano*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, 2014. 428p. (+ apêndices e anexos).

OLIVEIRA, M.F. (2014b): OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. *A construção de um sistema de informações da mobilidade urbana como condição para sustentar a revisão permanente do Plano de Mobilidade Urbana de Belo Horizonte (PlanMob-BH)*. Belo Horizonte, ago. 2014. 15p. (paper).

OLIVEIRA, M.F. (2019c5): OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. *Biblioteca do Levante-BH*. Belo Horizonte, *Levante-BH*, 5 mar. 2019 [atualizado em 26 set. 2022].

Como viver junto na cidade

OLIVEIRA, M. F. (2019c7): OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. Access City Award (ACA). Belo Horizonte, Levante-BH, 3 ago. 2019 [atualizado em 2 dez. 2022].

OLIVEIRA, M.F. (2019c8): OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. NBR (norma brasileira). Belo Horizonte. *Levante-BH*, Belo Horizonte, 4 abr. 2019 [atualizado em 16 ago. 2022].

OLIVEIRA, M.F. (2019c13): OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. Praia. Belo Horizonte, *Levante-BH*, 9 jul. 2019 [atualizado em 6 jan. 2023].

OLIVEIRA, M.F. (2019k): OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. Convite a um Levante. *Levante-BH*, Belo Horizonte, 1º mar. 2019 [atualizado em 2 jan. 2023].

OLIVEIRA, M.F. (2020c3): OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. Cidade inclusiva. *Levante-BH*, Belo Horizonte, 29 jul. 2020 [atualizado em 31 ago. 2022].

OLIVEIRA, M.F. (2020r): OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. *Mapa-múndi do Brasil de Rivane Neuenschwander*. 2020. baú, cartões postais. (instalação).

OLIVEIRA, M. F. (2021c7): OLIVEIRA, M. F. (2021c6): OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. Como viver junto. Belo Horizonte. *Levante-BH*, Belo Horizonte, 21 jan. 2021 [atualizado em 9 jan. 2023].

OLIVEIRA, M.F. (2022a2): OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. Seminário sobre Acessibilidade acontece em etapas em Cataguases – Iniciativa abrange as faculdades Sudamérica e FIC e o Sicoob Coopemata. Entrevista concedida a Marcelo Lopes. *ML – site do Marcelo Lopes*, Cataguases, 17 set. 2022.

OLIVEIRA, M.F. (2022b2): OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. Nota Técnica da Biblioteca do Levante-BH n.º 2 (versão A) – NTA n.º 2A – Instituição da Política Municipal de Acessibilidade com Desenho Universal de Belo Horizonte (Padu-BH). *Levante-BH*, Belo Horizonte, 30 jun. 2022. 73p. (resumo executivo, 9p. / nota técnica, 59p. / Apêndice 1, 3p. / Apêndice 2, 2p).

OLIVEIRA, M.F. (2022b5): OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. Introdução do relatório final da pesquisa “Como viver junto na cidade” (versão A). *Levante-BH*, Belo Horizonte, 30 set. 2022. 22p. + anexo (8p.).

OLIVEIRA, M.F. (2022b6): OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. Nota Técnica da Biblioteca do Levante-BH n.º 19 (versão A) – NTL n.º 19A – Indicadores da pesquisa Como viver junto na cidade. *Levante-BH*, Belo Horizonte, 31 out. 2022. 11p.

OLIVEIRA, M.F. (2022c3): OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. Problema “wicked”. Belo Horizonte, *Levante-BH*, 12 maio 2022 (atualizado em 22 jan. 2023).

OLIVEIRA, M.F. (2022j1): OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. Integração do transporte, mobilidade e acessibilidade na RMBH: acessibilidade (palestra como convidado). In: SEMINÁRIO RODOANEL PARA QUEM? Belo Horizonte, CAD 1 - UFMG, 19 e 20 jul. 2022. Mesa 4, 20 jul. 2022.

OLIVEIRA, M.F. (2022j2): OLIVEIRA, Marcos Fontoura. Novas demandas de cuidado numa sociedade envelhecendo: mobilidade urbana (palestra como convidado). In: CONGRESSO DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA DE MINAS GERAIS – GERMINAS, 11. Belo Horizonte, Ouro Minas, 25 a 27 de agosto de 2022. Sessão científica 5, 25 ago. 2022.

OLIVEIRA, M.F. (2022g4): OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. Acessibilidade – Lei Brasileira da Inclusão (LBI). *Jornal Meia Pataca*, Cataguases, setembro de 2022.

Como viver junto na cidade

- OLIVEIRA, M.F. (2022j3):** OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. *Acessibilidade e Mobilidade Urbana (palestra)*. Cataguases, Auditório da Faculdade Sudamérica, 16 set. 2022. (86 slides). In: SEMINÁRIO DE ACESSIBILIDADE DE CATAGUASES, 1. Cataguases, 15 a 20 set. 2022.
- OLIVEIRA, M.F. (2022j4):** OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. *Acessibilidade e desenho universal em projetos arquitetônicos (aula para alunos de Arquitetura da FIC – Faculdades Integradas de Cataguases)*. Cataguases, 15 set. 2022.
- OLIVEIRA, M.F. (2022m1):** OLIVEIRA, Marcos Fontoura de. Apontamentos sobre a cidade de Cataguases. *Levante-BH*, Belo Horizonte, 15-20 set. 2022.
- OLIVEIRA, M.F. & GOUVÊA, R.G. (2021g):** OLIVEIRA, Marcos Fontoura de; GOUVÊA, Ronaldo Guimarães. Mobilidade urbana em Ouro Preto: ousadia como estratégia. *Barroco*, Belo Horizonte, edição eletrônica n.1, p.-60-75, 2021.
- ONO, Y. (2022):** ONO, YOKO. Escolha um cantinho do mundo e cuide dele como se fosse seu. In: SEMANA DO OLHA CONTEMPORÂNEO. Aula 3 - Eu posso entender a Arte Contemporânea. Professor: João Correia. *YouTube*, 13 out. 2022. vídeo, cor, 19'05''.
- PASSAGEM (2022):** PASSAGEM GRATUITA. Prefeitura de Ibirité sanciona lei de ‘tarifa zero’ para transporte público. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 set. 2022.
- POSADA, J.E.M. (2022a):** POSADA, J.E.M. LEVANTEBH, *Considerações iniciais sobre o Relatório Final da pesquisa de pós-doutorado de Marcos Fontoura de Oliveira*. Belo Horizonte, 4 dez. 2022. 4p. [paper].
- PROURB/FAU-UFRJ et al. (2019):** LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS (PROURB/FAU-UFRJ); Laboratório Urbano (PPG-AU/FAUFBA); Centro Interdisciplinar de Estudos sobre Cidade (IFCH-Unicamp); Cosmópolis (UFMG); Labeurbe (PPG/FAU-UNB); Urbanismo (UNEB). *Cronologia do Pensamento Científico (website)*. Coordenação equipe do PROURB/FAU-UFRJ: Paola Berenstein Jacques; Coordenação equipe PPG-AU/FAUFBA: Margareth da Silva Pereira. s.l., s.d. Acesso em: 10 jul. 2019.
- QUIVY, R. & CAMPENHOUD, L.V. (2008a):** QUIVY, Raymond; CAMPENHOUD, Luc Van. *Manual de investigação em ciências sociais*. Tradução de João Minhoto Marques et al. 5.ed. rev. aumentada. Lisboa: Gradiva, 2008. 282p. Título original: *Manuel de recherche en sciences sociales* (Dunod, Paris, 1995).
- RAMOS, M. (2019):** RAMOS, Miquel. “Fuera Indios” Pintadas racistas de los golpistas y ultraderechistas bolivianos que han tomado en gobierno. *Twitter*, 14 nov. 2019.
- RAMOS, N. (2022b):** RAMOS, Nuno. A extinção é para sempre. *Portal Sesc*, São Paulo, 24 maio 2022.
- RIBEIRO, D. (2017):** RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017. 112p. (versão eletrônica, 68p.).
- RITTEL, H.W.J. & WEBBER, M.M. (1973):** RITTEL, Horst W. J.; WEBBER, Melvin M. Webber. Dilemmas in General Theory of Planning. *Policy Sciences*, s.l. (ed.: Springer), v.4, n.2, p.155-169, jun. 1973.
- SANTINI et al (2021):** SANTINI, Daniel; ALBERGARIA, Rafaela; SANTARÉM, Paíque (Org.). *Mobilidade antirracista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021. 394p. (apoio: Fundação Rosa Luxemburgo).

Como viver junto na cidade

SANTINI, D. (2023a): SANTINI, Daniel. Passe livre universal em 03/01/2023. *WhatsApp – grupo Pesquisando Tarifa Zero*, 3 jan. 2023.

SECCHI, B. (2019a): SECCHI, Bernardo. *A cidade dos ricos e a cidade dos pobres*. Tradução: Renata de Oliveira Sampaio. Belo Horizonte: Âyiné, 2019. 110p. (coleção aut-aut, n.4). Título original em italiano: *La città dei ricchi e la città dei poveri*.

SEMINÁRIO DE ACESSIBILIDADE DE CATAGUASES (2022): SEMINÁRIO DE ACESSIBILIDADE DE CATAGUASES, 1. Cataguases, 15 a 20 set. 2022.

SOULÈVEMENTS (2016a): SOULÈVEMENTS. Home page. Exposição no Jeu de Pomme, Paris, de 18 de outubro de 2016 a 15 de janeiro de 2017.

TURTELLI, C. (2022): TURTELLI, Camila. Bolsonaro deixa o Brasil e viaja aos EUA no penúltimo dia do seu mandato. *Uol*, Brasília, 30 dez. 2022.

UNA-SUS (2020): SISTEMA UNIVERSIDADE ABERTA DO SUS (UNA-SUS). Home page. Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus. Brasília, 11 mar. 2020.

VELLOSO, R. (2020): VELLOSO, Rita. Narrar por processos. In: JACQUES, Paola Bernstein; PEREIRA, Margareth da Silva; CERASOLI, Josianne Francia (Org.). *Nebulosas do pensamento urbanístico*: tomo III – modos de narrar. Salvador: EdUFBA, 2020. p.404-429.

VON HUNTY, R. (2020c): VON HUNTY, Rita. Lugar de fala e a confusão que se faz – entrevista portal Pheeno parte 2/3. vídeo, cor, 22'18". *Youtube – canal Tempero Drag*, [2020].

ASSINATURAS

elaboração

Marcos Fontoura de Oliveira – Empresa de Transportes e Trânsito de Belo Horizonte S.A (BHTrans).

supervisão

Rosário Macário – Instituto Superior Técnico (IST) da Universidade de Lisboa.

agradecimentos a outras pessoas que também contribuíram para o aprimoramento de alguma versão desta introdução

Alessandra V. Castro – enfermeira

Cássio Gonçalves Campos – mestre em Artes

Daniel Santini – jornalista

Jorge Enrique Mendoza Posada – mestre em Teoria Econômica

Juliana Vidigal Erichsen Contin – advogada

Karla Cristina Giacomini – mestre em Saúde Pública

Maria Neli Alves – historiadora

Rosângela de Souza Vilaça – advogada